

Baruch Espinoza – 1632 a 1677

- Racionalismo radical e crítico às superstições
- Fonte da superstição: imaginação incapaz de compreender a ordem do Universo
- Aqui, Deus é transcendental, além das coisas desse mundo
- Espinosa faz uma demonstração geométrica para apresentar a natureza racional de Deus, agora como Deus Imanente, pois ele é o próprio Universo
- Sua filosofia era monista e panteísta: há somente uma única substância divina que deveria ser alcançada de forma racional e deduzida a partir da matemática
- Substância divina: eterna e imutável que se manifesta em atributos, as perfeições infinitas
- Intelecto humano: alcança somente dois atributos – cogitatio (espiritualidade) e extensio (materialidade)

Atributos

- Dividem-se em modos:
- Primitivos: determinações imediatas e universais dos atributos, e cada um é eterno e infinito
- Derivados: são determinações temporais e finitas
- Não há, no entanto, interação entre as duas ordens de atributos

Necessidade

- Domina a substância única e universal
- Deus é algo matematicamente necessitado como realidade interior e exterior
- A filosofia seria o conhecimento racional de Deus e liberdade a consciência da necessidade
- Não há, portanto, livre-arbítrio já que tudo o que existe é necessário e não pode ser

transgredido por ser parte da natureza divina

Homem

- Somos um complexo de fenômenos derivados da substância única e divina
- A alma é um complexo de modos psíquicos com atividades teóricas e práticas
- Cada uma das atividades divide-se em graus sensíveis e racionais
- Imaginatio (conhecimento sensível): subjetivo e fenomênico
- Conhecimento racional: dividido em universal abstrato e concreto intuitivo e através deles alcançamos a substância divina
- Conhecimento
- Há uma heterogeneidade entre res extensa e res cogitans
- O conhecimento é uma correspondência extrínseca entre objeto e sujeito e não uma penetração do sujeito no objeto

Moral

- Trata da questão do conhecimento
- Conhecimento sensível: ilusório e falso do qual derivam paixão, vício, a dor e o mal
- Conhecimento racional: origina a virtude e a felicidade
- A moralidade, nossa felicidade ou infelicidade, dependem da necessidade universal da substância divina

Nicolau Malebranche – 1638 a 1715

- Aos 26 anos, encontra a obra de Descartes
- Partindo da ideia de Deus na obra de Descartes, ele afirma que a verdade não é uma criação de Deus, mas é Deus
- É em Deus que vemos as coisas
- E eis a diferença com Descartes

- Palavra em Descartes: representação mental cartesiana
- Malebranche: palavra como arquétipo platônico e agostiniano, como um modelo das coisas
- Desvaloriza o conhecimento sensível e baseia-se no conhecimento intelectual
- Conhecimento intelectual: intuição da mente humana com relação as ideias, que são arquétipos eternos e universais das coisas presentes em Deus
- Cria a ideia de uma imanência direta com Deus
- A prece natural do cientista é, de fato, sua atenção, é atendida pela iluminação divina da evidência
- E as ideias claras continuam sendo as verdades matemáticas

Metafísica

- A natureza de Deus é distinta da extensão inteligível: esta é, de fato, uma ideia em Deus e representa sua infinitude
- Na relação Deus e mundo, ele diz que existe a pluralidade do mundo, mas há a unidade da causa
- As nossas relações dependem ou são produzidas por Deus que opera por si só e de forma direta em tudo e todos

Moral

- Somos moralmente livres
- Não produzimos algo, mas podemos suspender a ação divina em nós
- Algo explicado pelo pecado original e não pela filosofia

Blaise Pascal – 1623-1662

- Tratou da questão trágica da existência humana e questiona nossa condição paradoxal

- Estaríamos sempre destinados a ver somente a aparência da realidade e incapazes de alcançarmos o princípio e o fim das coisas
- A razão humana é impotente para provar a existência de Deus
- A crença em Deus é uma questão de fé e cuja prova da existência é impossível
- Devemos aceitar e entender que muito do que há na realidade ultrapassa a razão humana
- Para ele, a relação corpo e alma obedece a três ordens separadas e intransponíveis: a ordem dos corpos, das inteligências e da caridade
- A racionalidade transcende o corpo, mas a espiritualidade transcende a inteligência

Guilherme Leibniz – 1646-1716

- Verdades de razão e de fato
- Verdades de razão ou juízos de essência: o predicado é tirado do sujeito, ou seja, são necessárias e intuitivas
- Verdades de fato: os predicados não são tirados do sujeito, mas unidos na experiência

Metafísica

- Os elementos fundamentais da realidade são as mônadas
- Mônada: átomo espiritual e dotado de atividade, são eternas, inúmeras e diferentes entre si
- Todas elas percebem, algumas conscientemente, outras de forma inconsciente e ordenadas até a mônada suprema, Deus

Mônadas

- Não têm relações diretas entre si, pois obedecem a ordem preestabelecida por Deus na criação

- Disso deduziu que todo conhecimento é inato
- Como o mundo é uma criação de Deus, vivemos no melhor dos mundos possíveis

Homem

- Seríamos um complexo de mônadas de diferentes graus, da alma (mônada superior) até as inconscientes
- O mundo não teria existência física real: toda a matéria é um fenômeno, uma aparência da psiquicidade inconsciente
- Quanto a Moral, é a atividade consciente e racional
- A liberdade existe e é uma espontaneidade racional, no entanto, desaparece o livre arbítrio já que toda ação é dirigida para o melhor no homem e em Deus

Mal em Leibniz

- Estaria dividido em metafísico, moral e físico
- Mal metafísico: limitação necessária dos seres criados
- Mal moral: é a resistência voluntária dos seres criados, sendo a privação de ser
- Mal físico: o mal de vários seres torna-se algo bom para o todo; isso não vale para o homem que não é meio, mas sim um fim e um ser racional

Exercícios:

1. (Unesp) De um lado, dizem os materialistas, a mente é um processo material ou físico, um produto do funcionamento cerebral. De outro lado, de acordo com as visões não materialistas, a mente é algo diferente do cérebro, podendo existir além dele. Ambas as posições estão enraizadas em uma longa tradição filosófica, que remonta pelo menos à Grécia Antiga. Assim, enquanto Demócrito defendia a ideia de que tudo é composto de átomos e todo pensamento é causado por seus movimentos físicos, Platão insistia que o intelecto humano é imaterial e que a alma sobrevive à morte do corpo. (Alexander Moreira-Almeida e Saulo de F. Araujo. “O cérebro produz a mente?: um levantamento da opinião de psiquiatras”. www.archivespsy.com, 2015.) A partir das informações e das relações presentes no texto, conclui-se que

- A hipótese da independência da mente em relação ao cérebro teve origem no método científico.
- A dualidade entre mente e cérebro foi conceituada por Descartes como separação entre pensamento e extensão.
- O pensamento de Santo Agostinho se baseou em hipóteses empiristas análogas às do materialismo.
- Os argumentos materialistas resgatam a metafísica platônica, favorecendo hipóteses de natureza espiritualista.
- O progresso da neurociência estabeleceu provas objetivas para resolver um debate originalmente filosófico.

2. Sobre a questão da liberdade em Spinoza, a filósofa brasileira Marilena Chauí afirma o seguinte: “[...] o poder teológico-político é duplamente violento. Em primeiro lugar, porque pretende roubar dos homens a origem de suas ações sociais e políticas, colocando-as como cumprimento a mandamentos transcendentais de uma vontade divina incompreensível ou secreta, fundamento da ‘razão de Estado’. Em segundo,

porque as leis divinas reveladas, postas como leis políticas ou civis, impedem o exercício da liberdade, pois não regulam apenas usos e costumes, mas também a linguagem e o pensamento, procurando dominar não só os corpos, mas também os espíritos”. CHAUI, Marilena. Espinosa, uma subversão filosófica. Revista CULT, 14 de março de 2010. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/baruch-espinosa/>.

O poder teológico-político é violento, porque

- submete os homens a leis supostamente transcendentais ao negar-lhes a imanência de suas próprias ações.
- retira dos homens a esperança de que suas ações tenham como causa e fim a transcendência divina.
- transforma a linguagem e o pensamento dos homens em formas de libertação de corpos e espíritos.
- recusa aos usos e costumes o papel de fundamento transcendente das ações políticas e leis civis dos homens.

3. Leia com atenção a seguinte passagem: “Diz-se livre a coisa que existe exclusivamente pela necessidade de sua natureza e que por si só é determinada a agir. E diz-se necessária, ou melhor, coagida, aquela coisa que é determinada por outra a existir e a operar de maneira definida e determinada”. SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Tradução e Notas de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, parte I, definição 7, p. 13. – Texto adaptado.

Sobre a questão da liberdade divina e humana em Spinoza, considere as seguintes afirmações:

- Somente Deus é livre.
- A liberdade de Deus consiste em determinar-se por si só a operar.
- O homem é coagido, pois é determinado por outra coisa a operar de maneira definida e determinada.

É correto o que se afirma em

- II e III apenas.

- b) I, II e III.
- c) I e III apenas.
- d) I e II apenas.

4. Para o racionalismo, a razão é a verdadeira fonte do conhecimento.

De acordo com essa afirmativa, os filósofos que podem ser considerados racionalistas são

- a) Locke, Plotino e Hume.
- b) Kant, Aristóteles e Nietzsche.
- c) Platão, Descartes e Karl Marx.
- d) Descartes, Malebranche e Hume.
- e) Platão, Santo Agostinho e Descartes.

5. Leibniz distingue duas verdades: uma que é evidente a priori, independente de qualquer experiência. Outra não se justifica a priori, necessita de uma confirmação experimental. Como Leibniz chamou estas vertentes da verdade?

- a) verdades da razão e verdades construídas
- b) verdades de fato e verdades construídas
- c) verdades reveladas e verdades construídas
- d) verdades de razão e verdades de fato
- e) verdades reveladas e verdades de fato

6. (UFPA) No contexto da cultura ocidental e na história do pensamento político e filosófico, as considerações sobre a necessidade de valores morais prévios na organização do Estado e das instituições sociais sempre foi um tema fundamental devido à importância, para esse tipo de questão, dos conceitos de bem e de mal, indispensáveis à vida em comum.

Diante desse fato da história do pensamento político e filosófico, a afirmação de Espinosa, segundo a qual "Se os homens nascessem livres, não formariam nenhum conceito de bem e de mal, enquanto permanecessem livres". (ESPINOSA, 1983, p. 264), quer dizer o seguinte:

- a) O homem é, por instinto, moralmente livre, fato que condiciona sua ideia de ética social.

b) Assim como o indivíduo é anterior à sociedade, a liberdade moral antecede noções como bem e mal.

c) Os valores morais que servem de base para nossa socialização são tão naturais quanto nossos direitos.

d) Não poderíamos falar de bem e de mal se não nos colocássemos além da liberdade natural.

7. Os filósofos concebem as emoções que se combatem entre si, em nós, como vícios em que os homens caem por erro próprio; é por isso que se habituaram a ridicularizá-los, deplorá-los, reprová-los ou, quando querem parecer mais morais, detestá-los. Concebem os homens, efetivamente, não tais como são, mas como eles próprios gostariam que fossem. ESPINOSA, B. Tratado político. São Paulo: Abril Cultural, 1973. No trecho, Espinosa critica a herança filosófica no que diz respeito à idealização de uma

- a) Estrutura da interpretação fenomenológica.
- b) Natureza do comportamento humano.
- c) Dicotomia do conhecimento prático.
- d) Manifestação do caráter religioso.
- e) Reprodução do saber tradicional.

8. "Excomunhamos, apartamos, amaldiçoamos e praguejamos a Baruch de Spinoza, como o herém que excomunhou Josué a Jericó, com a maldição que maldisse Elias aos moços, e com todas as maldições que estão escritas na Lei. Maldito seja de dia e maldito seja de noite, maldito seja em seu deitar e maldito seja em seu levantar, maldito ele em seu sair e maldito ele em seu entrar(...)

Advertindo que ninguém lhe pode falar pela boca nem por escrito nem conceder-lhe nenhum favor, nem debaixo do mesmo teto estar com ele, nem a uma distância de menos de quatro côvados, nem ler Papel algum feito ou escrito por ele".

Trechos da carta de excomunhão (cherém) de Baruch de Spinoza, aos 23 anos, remetido pela Sinagoga de Amsterdã em 1656.

Qual a formulação proposta por Spinoza que levou a sua excomunhão?

- a) "Deus está morto". Com o avanço da ciência, a figura divina passaria a ser irrelevante para a vida humana, descontentando o poder religioso.
- b) "Deus sive natura" ("Deus ou a natureza"). A construção da ideia de um Deus impessoal, identificado com a natureza. Contrariando a tradição de um Deus persona com os seres humanos criados à Sua semelhança.
- c) "Se Deus não existisse, tudo seria permitido". Associação entre a figura divina e o desenvolvimento moral que retira dos seres humanos a responsabilidade por seus atos.
- d) "Se Deus não existisse, seria preciso inventá-lo". Fundamentação de princípios orientadores na figura de Deus.

9. Sobre a questão da liberdade em Spinoza, a filósofa brasileira Marilena Chauí afirma o seguinte: "[...] o poder teológico-político é duplamente violento. Em primeiro lugar, porque pretende roubar dos homens a origem de suas ações sociais e políticas, colocando-as como cumprimento a mandamentos transcendentais de uma vontade divina incompreensível ou secreta, fundamento da 'razão de Estado'. Em segundo, porque as leis divinas reveladas, postas como leis políticas ou civis, impedem o exercício da liberdade, pois não regulam apenas usos e costumes, mas também a linguagem e o pensamento, procurando dominar não só os corpos, mas também os espíritos". CHAUI, Marilena. Espinosa, uma subversão filosófica. Revista CULT, 14 de março de 2010. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/baruch-espinosa/>.

O poder teológico-político é violento, porque

- a) submete os homens a leis supostamente transcendentais ao negar-lhes a imanência de suas próprias ações.
- b) retira dos homens a esperança de que suas ações tenham como causa e fim a transcendência divina.
- c) transforma a linguagem e o pensamento dos homens em formas de libertação de corpos e espíritos.

- d) recusa aos usos e costumes o papel de fundamento transcendente das ações políticas e leis civis dos homens.

10. Os filósofos racionalistas representaram uma das vertentes da filosofia moderna. Dentre eles, Baruch Spinoza possui um pensamento peculiar a respeito de Deus. Assinale a alternativa referente à concepção teológica de Spinoza.

- a) Deus está morto, e ainda há pessoas que não acreditam e nem compreenderam isso.
- b) Deus é um pai maldoso e intolerante, ao mesmo tempo que ama e age com misericórdia.
- c) Deus não é uma causa externa à realidade, pois se manifesta através das leis da natureza e só através delas.
- d) Deus é um ser que vive somente nas concepções da alma humana. É transcendente à natureza antropológica.

Gabarito:

1. B. Descartes separou pensamento e extensão, criando a base par o que conhecemos como Racionalismo.
2. A. O caráter transcendental dessa proposta impede que as pessoas reflitam ou se defendam contra superstições e valores arraigados que se mantêm por conta de sua tradição política e religiosa.
3. C. A afirmativa II está incorreta, pois a liberdade consiste na concepção da necessidade e no uso da razão como forma de perceber a presença imanente da substância de Deus no Universo.
4. D. Dentre as alternativas, essa apresenta a sequência correta.
5. D. As verdades da razão derivam da essência e as verdades de fato derivam da experiência.
6. D. Os conceitos de bem e de mal só fazem sentido quando nos colocamos além da ideia de uma liberdade natural e, portanto, acima das definições de bem e mal.
7. B. Espinosa acreditava a Filosofia criara uma idealização sobre o homem e sua natureza, como uma abstração do que ele deveria ser e não do efetivamente é.
8. B. Por conta de seu panteísmo, Espinosa identificava Deus com toda a Natureza o que, por vez, contrariava a visão tradicional que a religião judaica tem sobre Deus.
9. A. Ao tratar de leis como revelações divinas, como exteriores aos homens e ao Estado, perdemos nossa liberdade, por obedecermos a leis exteriores a nós e que não fazem parte do que somos. Espinosa, por outro, lado, acreditava na ideia da imanência de Deus e não em sua transcendência.

10. C. O Deus panteísta de Espinosa se manifesta na Natureza e aí suas leis podem ser racionalmente entendidas.